



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB**  
**CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA**  
**PORTUGUESA**

**JÚLIA DE JESUS SILVA**

**O UNIVERSO ZOOLITERÁRIO EM QUINCAS BORBA, DE MACHADO DE**  
**ASSIS**

**Picos**  
**2023**

**JÚLIA DE JESUS SILVA**

**O UNIVERSO ZOOLITERÁRIO EM QUINCAS BORBA, DE MACHADO DE  
ASSIS**

Artigo apresentado a Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito obrigatório para aprovação no Curso de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro

**Picos  
2023**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
 CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
 Rua Cicero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
 Fone: (89) 3422 2032

### ATA DE DEFESA DE ARTIGO DE FINAL DE CURSO

Às 17h horas do dia vinte e oito de agosto do ano de dois mil e vinte e três, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, do *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência da Profª. Dra Cristiane Feitosa Pinheiro, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia sob a forma de artigo, de autoria da aluna **JÚLIA DE JESUS SILVA** do curso de Letras desta Universidade com o título, **O UNIVERSO ZOOLITERÁRIO EM QUINCAS BORBA, DE MACHADO DE ASSIS**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Profª Drª Cristiane Feitosa Pinheiro (orientadora – presidente), Prof. Dr Welbert Feitosa Pinheiro (Examinador Interno - 1º examinador) e Profa Me Janaína Saraiva Varão (Examinadora Externa – 2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, na mesma sala, sem a presença da avalianda e seus convidados. Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral 10,0. E, para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 28 de agosto de 2023.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Cristiane Feitosa Pinheiro

Profª Dra Cristiane Feitosa Pinheiro  
 Presidente da Banca/Orientadora – Universidade Federal do Piauí

Welbert Feitosa Pinheiro

Profª Dr Welbert Feitosa Pinheiro  
 Examinador Interno – Universidade Federal do Piauí

Janaína Saraiva Varão

Profa Me Janaína Saraiva Varão  
 Examinadora Externa

# O UNIVERSO ZOOLITERÁRIO EM QUINCAS BORBA, DE MACHADO DE ASSIS<sup>1</sup>

Júlia de Jesus Silva<sup>2</sup>

Cristiane Feitosa Pinheiro<sup>3</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa foi feita com o propósito de responder à problemática de como a questão animalesca pode ser evidenciada na reflexão sobre a humanidade, nos personagens humanos e animais na obra “*Quincas Borba*”. Além disso, determinou-se como objetivo geral, analisar como os recursos da animalidade-humanidade são postos dentro da obra e, especificamente, verificar o modo como os personagens Rubião, Quincas Borba e o cão são descritos na obra, além de identificar como os aspectos animalescos e humanos transitam entre os personagens. Para tanto, a análise foi ancorada nos estudos dos animais e a zooliteratura, campo de trabalho pela qual se direciona para uma reflexão sobre o que se entende por animalidade e humanidade, nos animais humanos e não humanos. Elegeu-se como farol teórico os estudos de Coutinho (1966) Maciel (2011) Silva (2012) Candido (1968) Moraes (1989). Metodologicamente, trata-se de pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo, na área dos estudos literários. Os resultados atingidos expõem o universo animal em diversos campos, mostrando através da imagem animal atitudes dos personagens e falas que, por meio do narrador, entendemos as condições do ser humano e nossos entendimentos em torno das relações que transitam entre os dois mundos, que podem ser visto de formas diferentes, mas que na narrativa é trazida uma semelhança e troca de características.

**Palavras-chave:** Zooliteratura. Animalidade. Humanidade. Quincas Borba.

## 1 INTRODUÇÃO

A simbologia animal se mostra presente na literatura como uma forma de estudar até que ponto os animais não humanos são postos em destaque, fazendo assim um paralelo com o humano, e permitindo um diálogo entre esses dois campos de forma a serem pensados por suas diferenças e similaridades.

A proposta de estudar essa temática dentro de uma relação humano e não humano, fornece diversos caminhos para ser analisada e por várias áreas do conhecimento, condicionando assim, um cruzamento de informações que introduzem muitas discussões e formas de pensar.

Nas obras de Machado de Assis, o aspecto animalesco é posto não apenas como adereços, pelo contrário, todos os animais que são integrados por ele possuem

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso Letras/Português da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: jul14silva@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Educação, Professora do Curso de Letras da Universidade Federal do Piauí - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Orientadora. E-mail: cristianepinheiro@ufpi.edu.br

uma grande posição, sejam elas nos seus romances ou contos. Ao seguir essa perspectiva, as disposições dos animais atendem a uma necessidade narrativa composta pelo autor, que no decorrer do texto ocorrerá o entrelaçamento do animal/humano, de forma que será permitido perceber o pertencimento de um dentro da essência e proposição do outro.

Além disso, Machado de Assis dispõe em suas produções a questão da animalidade de forma bastante instigante, adotando uma visão irônica e crítica. Essas características machadianas possibilitam esse estudo do animalesco/humano através de uma racionalidade filosófica, pois, ele constrói na obra escolhida para análise deste presente estudo uma visão acerca do *humanitismo*.

Tendo como base a escrita de Joaquim Maria Machado de Assis, mais especificamente na obra *Quincas Borba*, que este trabalho será desenvolvido. *Quincas Borba* aborda muitos tipos de reflexões, sejam filosóficas ou existenciais a partir do uso do pessimismo e do ceticismo, criticando ainda diversos aspectos do pensamento do século XIX, no qual estava inserido.

A escrita machadiana possui assim uma essência ímpar, constituída por um amplo processo de maturação e que consegue ir além de análises de valor. Conforme cita Afrânio Coutinho (1966, p. 18) “sua maneira não surgiu abruptamente [...] foi o produto da experiência acumulada, do estudo e trato dos grandes modelos, da obediência às regras e às disciplinas do ofício. Seu progresso foi constante e ascensional”.

O livro *Quincas Borba* levanta várias situações que abordam esse processo de analogia e simetria entre os personagens humanos e os animais, ou seja, possibilita a percepção de aspectos que evidenciam até que ponto o cão apresenta traços das figuras humanas, tanto quanto, demonstram ao leitor ao decorrer da obra como essas interações ficam explícitas e gerando reflexão também com os próprios personagens dentro do romance.

Para melhor construção e guia de partida para elaboração desse trabalho, definiu-se como objetivo geral, analisar como os recursos da animalidade-humanidade são dispostos dentro do texto. E como forma mais precisa para nortear alguns fatores, elencaram-se os seguintes objetivos específicos: verificar o modo como os personagens Rubião, Quincas Borba e o cão são descritos na obra; e identificar como os aspectos animalescos e humanos transitam entre os personagens.

A metodologia utilizada foi de cunho bibliográfico e qualitativo, situada no viés dos estudos literários, levando em conta pesquisas de teóricos que melhor discutem sobre o assunto, como também, foram elencados textos, livros, dissertações, que compuseram de maneira mais completa todos os conceitos e apresentações pertinentes para a pesquisa. A partir disso procurou-se responder a seguinte problemática: como a questão animalésca pode ser evidenciada na reflexão feita acerca da humanidade nos personagens humanos e animais na obra “*Quincas Borba*”?

Justifica-se esta pesquisa por sua relevância acadêmica e social, pois seguindo os pontos elaborados neste estudo é pertinente realizar indagações sobre os conceitos e percepções das ideias sobre o humano e o animal que a sociedade possui, além de que, volta-se para reflexões sobre o simbolismo e subjetividade dessas representações, observando as formações em torno da animalidade na obra de Machado de Assis.

Assim, para melhor embasamento, utilizou-se um suporte teórico muito vasto, centrado na teoria dos estudos literários, dispondo-se assim de autores e críticos literários como, por exemplo, Coutinho (1966), Maciel (2011), Silva (2012), Moraes (1989) Candido (1968), Machado de Assis e outros autores renomados.

## **2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

O segundo grande romance da trilogia de Machado de Assis narra a história de Rubião, que é professor, e que seguida à morte de seu amigo, o filósofo Quincas Borba, detém de toda sua herança, mas com a condição de zelar e cuidar de um cachorro o qual pertencia a seu amigo e que recebeu o mesmo nome de seu dono.

Em “*Quincas Borba*”, o narrador é apresentado no foco narrativo em terceira pessoa e, ao longo do percurso literário, faz uma reflexão filosófica sobre a verdade, com o intuito de atingir seus próprios preceitos. Machado de Assis produz, nesta obra, um narrador com características oniscientes, que se apodera da liberdade narrativa para se colocar em todos os pontos de vista e como quiser. Esse aspecto de intromissão possibilita que o narrador tenha liberdade em comentar diante da vida, costumes, modos e moral de seus personagens. Conforme Moraes (1989, p. 28):

Essa interferência do narrador – comentando os acontecimentos, freando a HISTÓRIA e procurando se colocar do ponto de vista das leitoras, para apreciar de fora as ações e reações das personagens – é típica de Machado. Com isso, consegue distanciamento irônico que acaba chamando a atenção para os implícitos da HISTÓRIA, suas intenções últimas.

A figura do cão, a todo tempo, é associada à imagem de seu dono e a algumas filosofias, por esse motivo, o narrador insere a dúvida ao leitor em perceber se o título da obra refere-se ao filósofo ou ao cão que, assim, possui mais momentos dentro da narrativa que o próprio dono, e mais a frente fica aos cuidados de Rubião. Como pode-se constatar nesse trecho da obra:

Rubião fez um gesto negativo.

\_ Pois devias rir, meu querido. Porque a imortalidade é o meu lote ou o meu dote, ou como melhor nome haja. Viverei perpetuamente no meu grande livro. Os que, porém, não souberem ler, chamarão Quincas Borba ao cachorro, e...

(ASSIS, 2021, p. 27)

Em se tratando do ambiente, Machado não o constrói de forma fantástica, em que dá voz ao cãozinho, porém, faz com que suas ações construam um personagem e, assim, fazendo com que assuma um papel além do que seria esperado apenas por um mero animal, pois depositam nele emoções, sentimentos, ideias, que fundem um efeito real no cão. Com isso, Antônio Candido (1968, p. 21) afirma que: “Não são mais as palavras que constituem as personagens e seu ambiente. São as personagens (e o mundo fictício da cena) que ‘absorveram’ as palavras do texto e passam a constituí-las, tornando-se a fonte delas — exatamente como ocorre na realidade”.

O personagem é, pois, uma expressão narrativa, expressão que possui significante, conteúdo e significado que, ao final, conectam-se com o intuito de produzir sentidos. As atitudes dos personagens se configuram como fonte da narração.

O interesse pelos estudos em torno da animalidade é um tema que tem instigado poetas e escritores em diversos tempos, seja por uma abordagem de descrição dos comportamentos animais, suas realidades e irrealidades, o viés da alegoria e do erudito ou então por uma tentativa de antropomorfizar e transformar em metáforas do humano.

A pesquisa então em estudo se desenvolve a partir de uma abordagem acerca do universo dos estudos dos animais, na literatura, que consegue através desse meio poético, trazer formas, ideias e novos pensamentos sobre a questão animal, e como essa se mantém em relação com o ambiente humano, fazendo-se uma reflexão de como os seres não humanos são inseridos no espaço literário, além de uma percepção sobre o que

se vincula a animalidade aos animais humanos e não-humanos, trazendo à tona uma possível subjetividade animal e sua humanidade. Segundo Maciel (2011):

À literatura cabe sondar, através dos recursos da imaginação e da ficção, essas possibilidades. Cada escritor busca criar uma forma de encontro com a outridade animal, seja através do pacto, da aliança e da compaixão, seja pela entrada no espaço desses outros, seja pela tentativa ilusória de figuração ou de incorporação de uma subjetividade alheia, o registro ficcional sobre animais se faz sempre como um desafio à razão e à imaginação.

Além disso, ainda houve autores que se dirigiram à construção dos bichos de maneira a demonstrar um vínculo afetivo e compromisso com esses seres. Nesta visão os animais eram repletos de singularidades, não havendo apenas uma representação alegórica, sendo vistos assim como os humanos, sujeitos possuidores de inteligência, saberes e competências a respeito do mundo.

Na literatura machadiana, é atribuída ao cão não somente um simbolismo, como também, este surge como um guardador de segredos filosóficos, símbolo de fidelidade. Em *Quincas Borba*, o animal passa a ser como uma demonstração do próprio homem, que ao longo da narrativa passa a ser confundido com o seu dono por conta das formações sintáticas que se formam ambígua e propositalmente na obra, em muitos momentos confundindo sejam as percepções ou sensações que deveriam ser únicas do humano e passam a ser do animal. Como se observa nesse trecho da obra:

\_ E por que não? perguntou uma voz, depois que o major saiu. Rubião, apavorado, olhou em volta de si; viu apenas o cachorro, parado, olhando para ele. Era tão absurdo crer que a pergunta viria do próprio Quincas Borba, \_ ou antes do outro Quincas Borba, cujo espírito estivesse no corpo deste, que o nosso amigo sorriu com desdém; mas, ao mesmo tempo, executando o gesto do capítulo XLIX, estendeu a mão, e coçou amorosamente as orelhas e a nuca do cachorro, \_ ato próprio a dar satisfação ao possível espírito do finado. Era assim que o nosso amigo se desdobrava, sem público, diante de si mesmo. (ASSIS, 2021, p. 189)

A quantidade de escritores brasileiros que deram enfoque aos animais foi muito expressiva, principalmente, Machado de Assis, que dedicou variadas obras, como por exemplo, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *A Sereníssima República*, *Miss Dollar*, dentre elas contos, crônicas e momentos em alguns romances a questão dos animais, aspectos estes sendo encontrado em seus escritos sempre com um teor filosófico e característico, assim, através da figura dos animais são trazidas reflexões filosóficas diante do humano.

Ainda assim, Machado de Assis procurava trabalhar na sua literatura esse discurso sobre o animal e o humano de forma transdisciplinar, tentando construir um espaço a ser visualizado pelo seu leitor não apenas como cenário descrito, como também, demonstrar suas relações político-sociais; além disso, essa relação construída pelo autor permite a construção de um ambiente físico pretendido pelo narrador a formular também uma crítica à sociedade da época. Com isso, os estudos feitos acerca da animalidade dentro dos textos literários são um campo de enfoque constituído por cada autor, como explica Maciel (2011, p. 8):

Cada autor/pensador busca criar uma forma de encontro com a outridade animal e com a própria animalidade que nos constitui. Seja através do pacto, da aliança e da compaixão, seja pela via dos devires e metamorfoses, seja intrusão no espaço do outro, seja pela tentativa ilusória de figuração ou de incorporação de um corpo e uma subjetividade alheios, o registro poético, estético, ficcional sobre os animais se faz sempre como um desafio à imaginação. E essa abertura criativa acaba estimulando, por extensão, a produção de um pensamento crítico-teórico também aberto e transversal sobre as práticas zoopoéticas.

É através dos conceitos demonstrados no trecho acima que a pesquisa foi guiada, atentando para os estudos voltados à Zooliteratura e os Estudos dos Animais, eixo de estudos de Maciel (2011), a qual organiza uma estrutura da perspectiva animal desde as construções do antropocentrismo até à visão crítica, tendo em vista uma consciência da animalidade que conecta a humanidade em diferentes pontos. Maciel (2011) entende a zooliteratura como um: “espaço de reflexão crítica sobre a questão animal num mundo em que o homem se define a partir da dominação que exerce sobre os vivos não humanos”.

Maciel (2011) aborda conceitos que tratam sobre a forma de pensar e escrever o animal, a subjetividade animal, ficções acerca do universo canino e a própria execução da zooliteratura, na escrita de Machado de Assis, presente na obra *Quincas Borba*, que serão percebidas e pontuadas na introdução de todo esse universo entre o animal humano e não humano, na concepção da literatura e suas particularidades.

Buscou-se, na pesquisa, enxergar um viés metafórico animal que Machado de Assis constrói nas suas reflexões diante da relação animalidade/humanidade, trazendo assim uma visão dos animais conectada a uma representação, simbologias aos personagens e situando de fato uma crítica sobre essas, fazendo assim uma descrição precisa de seus personagens e explorando de forma minuciosa a questão psicológica entre humano-não humano.

Ademais, este campo de estudo busca refletir sobre a convivência homem e animal, fazendo uso de uma personalização do animal e animalizando o ser humano, a partir de uma desconstrução entre esses seres e suas fronteiras constitutivas. De acordo com Maciel (2011, p. 24):

Vale lembrar que o animal não é somente uma espécie de robô sem alma, capaz de funcionar de maneira mais ou menos competente, controlando as informações de seu meio e seguindo estratégias otimizadas, ou reagindo com mais ou menos rigidez a uma sucessão de estímulos simples. Ele é também uma criatura híbrida com a qual o humano mantém uma multiplicidade extraordinária de relações, desde as mais superficiais até as mais complexas, e que o envolve no mais profundo do seu ser e com o que ele acredita ser.

Na obra *Quincas Borba*, essa questão da animalidade é posta como um papel significativo. A relação dos personagens Rubião, o cão e o filósofo Quincas Borba são colocados como uma materialização filosófica e essas são contidas como maneira de dar enfoque a seus personagens e suas relações, visando fazer uma observação de todos os pontos constitutivos que permeiam os caminhos desses dentro da obra, sendo esses artifícios usados por Machado como fórmula de transformar os enunciados dentro de seus textos como uma sequência a transcender heróis e heroínas.

Ainda, percebendo os animais como repletos de simbologias e significados que, utilizaram-se os estudos feitos por Silva, que procuraram demonstrar como são tratados os animais em Machado de Assis e como é feita a construção da imagem desses seres dentro da narrativa. Segundo Silva (2012, p. 138): “Os animais pertencentes à obra machadiana não aparecem como simples elementos de adorno. Ao contrário, cada animal utilizado por Machado de Assis possui uma função exclusiva no enredo de seus romances e contos”.

Perante isso, a construção machadiana do animalesco em *Quincas Borba* também traz uma influência da filosofia do Humanitismo, evidenciada primeiramente na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* e mais adiante desenvolvida em *Quincas Borba*, a qual demonstra a ligação entre o cão e o homem, realizando uma comparação, ao levar em conta que o homem possui um estado primitivo que sobrepõe sua racionalidade.

O estilo satírico-irônico da obra põe o cão Quincas representando o cachorro e o homem, sendo assim, demonstrando uma resposta à filosofia “*humanitas*”, na qual o ser humano não é superior ao animal, ao considerar importante a espécie e não o indivíduo.

Essa relação literária com elementos da obra em estudo é única, pois constrói na sua escrita uma forma única de descrever as situações e relações, causando um efeito diferente e inovador.

Em *Quincas Borba*, ainda é possível a percepção diante dessa configuração do humano e não-humano, visto como uma caracterização do animal de forma humanizada, sendo esse artifício textual justificado como a ocorrência de fenômeno da transmigração de alma, entre o cão e seu dono, o filósofo Quincas Borba.

Logo, essa é depois creditada na obra também pelo personagem Rubião que vê no cachorro o seu amigo filósofo devido aos dois possuírem o mesmo nome. Esta atração entre o ser humano e não-humano é colocado por Machado de Assis como maneira de construção de metáforas, que permite fazer dentro da obra em caso um jogo psicológico e mental para situar o leitor. Como afirma Maciel (2017), “Ao conferir a um cachorro o estatuto de protagonista, ainda que mesclado ao ex-dono de mesmo nome, Machado de Assis não apenas rompe com a secular hierarquia das espécies e a dicotomia homem/animal, como também reconfigura o papel do animal na moderna literatura brasileira”.

Essa ideia do *Humanitismo* de Machado é ainda validada na obra, pois o autor demonstra acerca de uma questão pela qual o homem detém de um estado primitivo, que perpassa sua racionalidade e existência, assim a atenção e o amor entre um amigo, a herança e o cão, não passa de uma demonstração dessa animalidade.

O *humanitismo* de *Quincas Borba* pode, assim, ser entendido então como a lei do mais forte, como um retorno natural, que vai em busca do poder, dinheiro, bem estar, pelo qual o homem usa dos mais diversos artifícios para conseguir o que propõe o *humanitas*.

A filosofia do personagem Quincas Borba enxerga no *humanitismo* uma visão positiva à guerra, não se preocupando com virtudes, mas tão somente com a sobrevivência, sendo ainda o filósofo uma representação cínica, que passa pelo “náufrago da existência”, “indigente” e, por fim, um louco. Quincas Borba apresenta uma característica particular, pois ao longo de sua vida consegue superar os acasos, aceita o destino a que lhe foi posto e não é abalado quando consegue unir suas fortunas.

Para mais, essa abordagem do animalesco pode ser pensada como o estatuto do humano, fazendo-nos refletir sobre uma relação de alteridade entre o humano e não-humano, sendo ainda o romance *Quincas Borba* a obra em que Machado de Assis mais explora esta linha tênue da animalidade.

A escrita no viés filosófico-literário que se dirige à questão da animalidade conta com uma visão de interdisciplinaridade em sua investigação, visto que além de um pensamento ainda há um diálogo sobre diversas perspectivas que circundam esses termos.

Para tanto, os recursos ficcionais utilizados na escrita machadiana permeiam uma subjetividade animal, pois é através dessa estrutura que se percebe na obra as emoções, pensamentos e inquietações também singulares dos seres não-humanos, capturando, assim, pelo leitor a imaginação para perceber esses traços. Como ratifica Maciel (2011, p. 130): “Falar sobre um animal ou assumir a sua *persona* não deixa de ser também um gesto de espelhamento, de identificação com ele. Por outras palavras, o exercício da animalidade que nos habita”.

Os traços que transitam entre o humano e não-humano em Machado de Assis, portanto ainda desdobram dessa nossa própria subjetividade, tratando sobre a relação do indivíduo com o seu exterior e o funcionamento do animal em função de se mostrar como um espelho da consciência humana, esta consciência que possui uma correspondência com o animal, fazendo assim uma ligação entre o processo de autoconhecimento do homem.

### 3 METODOLOGIA

A presente pesquisa elegeu como corpus de análise a obra *Quincas Borba* de Machado de Assis, por meio da qual foi possível discutir o tema da animalidade/humanidade.

Trata-se de pesquisa de cunho bibliográfico, elaborada a partir do uso de relatórios de pesquisas diversos, intermédio dos quais foi possível entrar em contato com o objeto pesquisado, logo, trabalhar com uma pesquisa de caráter bibliográfico é buscar uma análise que se conecta a várias interpretações e leituras de trabalhos científicos, fazendo-se assim um estudo bem planejado e com estrutura documental, como afirma *Mazucato* (2018, p. 66):

A pesquisa bibliográfica vincula-se à leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, manuscritos, relatórios, teses, monografias, etc. (ou seja, na maioria das vezes, dos produtos que condensam a confecção do trabalho científico). Não por acaso, esse tipo de pesquisa também exige planejamento e, após uma análise da literatura disponível sobre o tema estudado, o material angariado deve ser triado, estabelecendo-se assim, um plano de leitura do mesmo.

É também qualitativa, pois empenha-se em pesquisar conforme uma percepção social, sem atribuição de valor, tendo como objeto de estudo noções mais profundas, que geram informações diversificadas, se propondo a investigar a realidade de maneira mais interativa, como evidencia *Gerhardt; Silveira (2009, p.32)*:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Logo, a pesquisa foi desenvolvida segundo a busca por analisar a forma como questões sob o olhar do animalesco são construídas pelo autor, além, de examinar por meio das passagens da obra, como os comportamentos e ações dos personagens postos como principais estão contidos no percurso desses conceitos.

Após a leitura das obras que respaldam a revisão bibliográfica, procedeu-se à sistematização das informações e à produção do tópico sobre o estado da arte, para tanto, discutiu-se sobre o período literário o qual a obra *Quincas Borba* encontra-se inserida, visando à necessidade de se compreender o contexto da produção e como autor construiu todo seu projeto literário.

Posteriormente, fez-se o estudo da aplicação dos conceitos teóricos, ou seja, a apresentação desses e como encontram-se situados na obra sob análise. Adiante, procedeu-se a analisar a obra a partir da resolução do que era pretendido discutir sobre o romance e suas nuances, como, por exemplo, o modo como animalidade-humanidade é disposto na obra e a percepção desses aspectos no trânsito entre os personagens escolhidos para análise.

## **4 A ZOOLITERATURA E O ESTUDOS DOS ANIMAIS**

Neste tópico, foi realizada a análise de trechos da obra “*Quincas Borba*”, primeiramente, percorrendo um caminho acerca da construção dos personagens e suas caracterizações, e em seguida, uma abordagem sobre a presença dos recursos animalescos existentes na configuração das relações entre os personagens.

### **4.1 Um caminho sobre os personagens da narrativa**

Buscou-se desenvolver, no início do tópico de análise, uma abordagem sobre os personagens Quincas Borba, Rubião e o cão aparecem descritos na obra, seguindo essa ordem de apresentação, respectivamente.

Quincas Borba, o filósofo se apresenta como um amigo de Brás Cubas, sendo assim apresentado como um simples homem cheio de características próprias. No decorrer da história, os dois se reencontram, após estarem adultos, e assim, Quincas Borba passa a ser descrito com outras particularidades, e divulga sua teoria filosófica chamada de “*Humanitas*”, na qual reúne pensamentos ligados à sobrevivência do homem. Com a finalidade de lembrar essa passagem do personagem, o narrador faz questão de deixar evidente ao leitor essa referência:

Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as Memórias Póstumas de Brás Cubas, é aquele mesmo náufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora em Barbacena. Logo que chegou, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida; mas, tão acanhada, que os suspiros do namorado ficavam sem eco. Chamava-se Maria da Piedade. Um irmão dela, que é o presente Rubião, fez todo o possível para casá-los. (ASSIS, 2021, p. 25)

Sendo assim, Joaquim Borba dos Santos é um personagem que passa por diversos meios sociais, de menino oriundo de uma classe dominante, para um adulto mendigo e, por fim rico, mantendo-se em meios privilegiados, além disso, é um filósofo que não se configura em uma pessoa que segue os preceitos da sociedade pela qual vivia, mas mesmo assim, era considerado um homem de muito saberes. Quincas inicia no romance ainda rico da herança adquirida por um tio de Barbacena, mas também, debilitado e doente, sendo cuidado pelo amigo Rubião.

Quincas Borba possui uma forma peculiar de ver a morte, levando em conta seus preceitos do *humanitismo*, vi-a de maneira leve, sem muita preocupação, trazia no leito de morte a comparação com sua filosofia de vida, detalhando, neste momento da obra, a explicação do “ao vencedor, as batatas”, uma maneira de justificar e explicar também a morte de sua avó:

Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os

despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas. (ASSIS, 2021, p. 33)

Em Quincas Borba, é possível percebemos o jogo de impressões que Machado de Assis faz entre seus personagens. Ele trabalha as ideias de humanidade e animalidade de maneira indissociável, pois mistura todos os acontecimentos dos humanos em volta também do animal. Conforme Maciel (2017, p. 50), “Machado de Assis mina os limites entre razão e loucura, homem e animal, numa evidente crítica ao humanismo cientificista e às dicotomias do pensamento antropocêntrico”.

Prosseguindo, apresenta-se o amigo e beneficiário de toda herança de Quincas Borba, após sua morte, o personagem Rubião, homem de personalidade ingênua, professor de Barbacena que recebe a herança do amigo e, logo, em seguida, parte para a capital, Rio de Janeiro. Como pode ser comprovado no trecho:

Cotejava o passado com o presente. Que era há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade. (ASSIS, 2021, p. 19)

É possível perceber a consciência do personagem, onde o mesmo reflete sobre o rumo de sua vida, e a morte da irmã, prometida ao seu grande amigo Quincas, que não concretizando o casamento deixou toda a herança para seu amigo Rubião, o tornando rico. Com o espólio herdado do amigo, o professor se envolve em um dilema: mudar ou não de Barbacena? Ir ou não para a capital? A dúvida persistia porque ao mesmo tempo em que o personagem queria mostrar sua ascensão no seu lugar de origem, também almejava desfrutar de uma vida social elegante e de privilégios. No trecho a seguir esse momento foi destacado pelo autor:

Sentia cócegas de ficar, de brilhar onde escurecia, de quebrar a castanha na boca aos que antes faziam pouco caso dele, e principalmente aos que se riram da amizade do Quincas Borba. Mas, logo depois, vinha à imagem do Rio de Janeiro, que ele conhecia, com os seus feitiços, movimento, teatros em toda a parte, moças bonitas, ‘vestidas à francesa’. Resolveu que era melhor, podia subir muitas e muitas vezes à cidade natal. (ASSIS, 2021, p. 49)

Além disso, falar em Rubião é desenvolver sobre um personagem que consegue transitar por diversos meios, situações, e volver condições a sua construção. Desde o início da narrativa, ao final, fica condicionado a uma paixão proibida que lhe tira os pensamentos racionais, e faz com que questione toda sua vida, criando dia após dia ilusões, e perdendo o sentido dos seus negócios e heranças, havendo uma mudança de sentidos constantemente. Como constatado na narração presente na obra:

Sentia que não era inteiramente feliz; mas sentia também que não estava longe a felicidade completa. Recompunha de cabeça uns modos, uns olhos, uns requebros sem explicação, a não ser esta, que ela o amava, e que o amava muito. Não era velho; ia fazer quarenta e um anos; e, rigorosamente, parecia menos. Esta observação foi acompanhada de um gesto; passou a mão pelo queixo, barbeado todos os dias, coisa que não fazia dantes, por economia e desnecessidade. Um simples professor! (ASSIS, 2021, p. 24)

Percebe-se toda angústia que reunia a mente de Rubião, quesito que permeia o personagem em toda narrativa. A consequência da condição de sua vida atual é determinada pela relação com outras personagens que fazem com que a reflexão seja um fator determinante na vida desse personagem. Além disso, Rubião é transformado em sua consciência e ações, terminando na obra como um homem louco, que assim passa a entender as filosofias defendidas pelo seu amigo Quincas Borba.

Diante disso, Candido (1977, p. 28) afirma que “pessoalmente, o que mais me atrai nos seus livros é outro tema, diferente destes: a transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual”. Logo, é possível ao leitor perceber que essa movimentação do homem em seu processo de reconhecimento é predominante na obra, principalmente quando intercalada com a relação com o cãozinho.

Por fim, destaca-se o cãozinho Quincas Borba o qual se confunde, muitas vezes, por receber também o nome do livro de Machado de Assis. O animal é o companheiro e melhor amigo do filósofo, denominação pela qual aflige e causa ciúmes em Rubião., O cão e o filósofo possuem na obra uma relação bem intimista, parceria e entendimento que diversos momentos confundem o leitor.

Rubião achou um rival no coração de Quincas Borba, \_ um cão, um bonito cão, meio tamanho, pelo cor de chumbo, malhado de preto. Quincas Borba levava-o para toda parte, dormiam no mesmo quarto. De manhã, era o cão que acordava o senhor, trepando ao leito, onde trocavam as primeiras saudações. (ASSIS, 2021, p. 27)

O animal recebe durante toda a história um protagonismo que se assemelha a uma parte simbólica do próprio dono e ser humano, em que suas ações e descrições dentro da obra são feitas pelo narrador de forma proposital a confundir os dois Quincas Borba.

Ainda é explicado pelo próprio filósofo o motivo de colocar seu nome no animal. A explicação na obra é dada por dois motivos.:

Uma das extravagâncias do dono foi dar-lhe o seu próprio nome; mas, explicava-o por dois motivos, um doutrinário, outro particular:  
 – Desde que Humanitas, segundo a minha doutrina, é o princípio da vida e reside em toda a parte, existe também no cão, e este pode assim receber um nome de gente, seja cristão ou muçulmano...  
 – Bem, mas por que não lhe deu antes o nome de Bernardo – disse Rubião como o pensamento em um rival político da localidade.  
 – Esse agora é o motivo particular. Se eu morrer antes, como presumo, sobreviverei no nome de meu bom cachorro. (ASSIS, 2021, p. 27).

Percebendo esse protagonismo do animal em relação ao humano na obra e a relação construída entre os dois mundos, entende-se a construção ficcional feita por Machado de Assis sobre os conceitos de animalidade. Além do protagonismo que entrega ao personagem animal, ao coloca-lo em evidência e em alguns momentos mais aparentes que os humanos. Como afirma Maciel (2011, p. 126): “cada bicho tomado na sua insubstituível singularidade e subtraído da carga alegórica que a tradição dos bestiários antigos depositou sobre o mundo zoológico passa a ser visto como um sujeito dotado de inteligência, sensibilidade, competências e saberes diferenciados sobre o mundo”.

Em suma, o cãozinho é tido em todos os momentos do livro trazendo trejeitos e características que fazem com que os personagens humanos reflitam sobre a condição animal, e mostrando em que medida os animais entendem as coisas assim como demonstram sentimentos não esperados ou não imaginados que os animais não humanos possam transparecer e possuir.

\_ Mais tarde ou mais cedo. Levou o tal cachorro?  
 \_ Não, senhor, está comigo; pediu que cuidasse dele, e chorou, olhe que chorou que foi um nunca acabar. Verdade é, disse ainda Rubião para defender o enfermo, verdade é que o cachorro merece a estima do dono: parece gente.  
 O médico tirou o largo chapéu de palha para concertar a fita; depois sorriu. Gente? Com que então parecia gente? Rubião insistia, depois explicava; não era gente como a outra gente, mas tinha coisas de sentimento, e até de juízo. Olhe, ia contar-lhe uma... (ASSIS, 2021, p. 39-40)

É perante esses aspectos que conduzem a uma construção não só física, mas também, sentimental do animal não humano que Coutinho (1968, p. 19) cita que: “a descrição de uma paisagem, de um animal ou de objetos quaisquer pode resultar, talvez, em excelente ‘prosa de arte’. Mas esta excelência resulta em ficção somente quando a paisagem ou o animal [...] se ‘animam’ e se humanizam através da imaginação pessoal”.

O cãozinho Quincas Borba em toda sua essência demonstra seus aspectos de humanidade dentro da obra, e permite essa reflexão sobre o mundo da zooliteratura, que vasta sobre uma caracterização do animal de forma mais ativa, com conjecturas para além do posto a sua espécie.

## **4.2 Transitando sobre os recursos da animalidade e humanidade**

Um dos pontos mais provocativo da obra Quincas Borba de Machado de Assis é a ligação feita entre os personagens humanos, Rubião e o filósofo, com o cachorro, possibilitando a construção de um diálogo entre eles, nesse aspecto, é pertinente a noção construída entre a subjetividade humana e a representação dos animais.

É interessante, assim, pensar como a imagem do cachorro é formulada na sociedade, ao passo que é vista de forma a representar a lealdade, também pode ser utilizada de forma a ofender. Além disso, a figura do cão pode representar ainda para o mundo diversos significados, sendo em sua grande maioria reconhecida como o melhor amigo do homem, guardador e protetor da sua vida.

De acordo com Maciel (2021, p. 8), “afinal, sabe-se que os cães sempre estiveram atrelados à existência humana, por oferecem as conexões mais primárias entre os mundos humano e animal”. Trata-se, de perceber que as relações entre animais e humanos são unidas em todos os planos, e dentro da literatura não é diferente, a imagem e relação dos dois são vistas de forma interligadas.

Na obra Quincas Borba, ocorre a representação de uma fiel amizade entre o cachorro e seus donos e, ao longo da narrativa, essa relação se torna uma troca de percepções, em que os personagens passam a interagir de forma a construir uma noção de animalidade/humanidade em certo ponto invertidos. “O cão, ouvindo o nome, correu a cama. Quincas Borba, comovido, olhou para Quincas Borba: - Meu pobre amigo! meu bom amigo! meu único amigo!” (ASSIS, 2021, p. 27).

A partir do momento que o autor formula a citação supracitada, pode-se perceber como ocorre a possibilidade de entendimento ao leitor de ficar em dúvida

sobre a ação de estar comovido ser de qual dos dois Quincas Borba, o cão ou o filósofo. A ação em questão é conhecida como possuidora dos seres humanos, mas no romance, no entanto, pode levar em conta a ação feita pelo cachorro quando ouviu o filósofo contar o motivo de dar-lhe tal nome.

A amizade entre o Quincas Borba e o cachorro, após a morte do primeiro, passa para o seu próximo dono, Rubião, relação que é transcrita de maneira atribulada. Ao morrer, o filósofo impõe a condição para Rubião ficar com a herança: cuidar e zelar do animal. No entanto, a primeira ação do beneficiário é entregar o cão, ao contrário do filósofo, possuía vergonha em ter o cachorro e não detinha de sentimentos pelo animal, fazendo com que, na primeira oportunidade, entregasse-o a Dona Angélica, ainda sem saber os termos impostos na herança e as cláusulas para recebê-la.

Uma só condição havia no testamento, a de guardar o herdeiro consigo seu pobre cachorro Quincas Borba, nome que lhe deu por motivo da grande afeição que lhe tinha. Exigia do dito Rubião que o tratasse como se fosse a ele próprio testador, nada poupando em seu benefício, resguardando-o de moléstias, de fugas, de roubo ou de morte que lhe quisessem dar por maldade; cuidar finalmente como se cão não fosse, mas pessoa humana. Item, impunha-lhe a condição, quando morresse o cachorro, de lhe dar sepultura decente em terreno próprio, que cobriria de flores e plantas cheirosas; e mais, desenterraria os ossos do dito cachorro, quando fosse tempo idôneo, e os recolheria a uma urna de madeira preciosa para depositá-los no lugar mais honrado da casa. (ASSIS, 2021, p. 47)

Machado não apresenta na obra uma fala propriamente dita do cachorro, tornando sua narrativa com aspectos fantásticos, mas sim, a constrói demarcando suas ações a faz uma caracterização do personagem, fornecendo artifícios que vão além do esperado por um animal, nele são postos, além de sentimentos.

Nisto, depois de ter conhecimento das condições colocadas, Rubião vai buscar o cão em Dona Angélica que relata que o animal chorava que parecia gente e não fazia nada, pois estava triste e pensava em fugir, além disso, ao Rubião chegar para abrir a porta e o libertar, houve uma demonstração de afeto entre os dois.

A tristeza sentida pelo cão é transformada em alegria ao encontrar seu dono, e o autor demonstra essa cena mais uma vez a confundir o leitor, ao colocar em evidência ações incomuns aos animais, como “beijar” e “pagava as carícias”, como apresentado no trecho:

Mas Rubião tinha os olhos no Quincas Borba, que farejava impaciente, e que se atirou para ele, logo que um moleque abriu a porta do cercado. Foi uma

cena de delírio; o cachorro pagava as carícias do Rubião, latindo, pulando, beijando-lhe as mãos. Meu Deus! Que amizade! (ASSIS, 2021, p. 52)

A confrontação de palavras e ações que são propriamente entendidas pelos humanos, e nas obras são postas também pelo cão, mostra que Machado de Assis dedica em suas escritas uma atenção uniforme à questão animal e a faz de forma detalhada e completa para a leitura e a percepção do leitor. Como direciona Silva (2012, p. 151), “Machado de Assis também constrói metáforas com a imagem de animais, visando acentuar determinadas características de certos personagens. Ao ler uma metáfora, o leitor formula uma imagem mental do sentido semântico da palavra aplicada ao contexto dos personagens. No caso de Machado de Assis, as metáforas com o uso de animais correspondem às características psicológicas das personagens”.

No romance de Machado de Assis, as questões da animalidade surgem em uma ampliação do narrador, visto que o a todo o momento faz o papel de observar e construir uma mensagem, expressão, que geralmente acaba por fazer uma crítica à própria humanidade. O cão, assim, cumpre esse papel fundamental em *Quincas Borba*, em que é visto cheio de humanidade, mais que o próprio Rubião, uma vez que esse não faz muito gosto e nem se lembra do animal, só tem o animal por questão de obrigatoriedade.

Com o desenrolar da narração, Rubião passa a entender a amizade do cão e do filósofo e, assim, acreditar que a alma do falecido encontra-se no animal, relacionando a todo o momento as atitudes do cão como sendo a configuração do próprio ser humano.

Em um estilo Machadiano de tratar as relações entre humano e não humano, o cão Quincas Borba é uma significação do homem e traz uma exemplificação da filosofia do *Humanitismo*, não vendo o ser humano como superior ao animal. Como exemplificado no trecho:

Mas a verdade é que este olho que se abre de quando em quando para fixar o espaço, tão expressivamente, parece traduzir alguma coisa, que brilha lá dentro, lá muito ao fundo de outra coisa que não sei como diga, para exprimir uma parte canina, que não é a cauda nem as orelhas. Pobre língua humana! (ASSIS, 2021, p. 71)

Avalia-se que o narrador em *Quincas Borba* insere no texto uma linha tênue em relação à razão animal, colocando tais palavras citadas acima como sendo do cão, homônimo do personagem humano. Essa troca de ideais e consciências articulada na cabeça de Rubião expressa uma condição de alteração que projeta assim o que se

entende na subjetividade humana, pois o cachorro continua sem conseguir explicar com palavras o que possui de racional. No entanto, o problema aqui apontado não está nele, e sim na língua humana, que é incapaz de abstrair as ideias colocadas, atestando como uma escrita machadiana no livro de forma irônica a soberania dos humanos sobre os animais não humanos, que em *Quincas Borba* é representado pelo cachorro.

Na narrativa, é apresentado que existe mais humanidade no próprio cão que nos humanos, nos quais caberia essa colocação, uma vez que ao leitor é exteriorizado que o animal *Quincas Borba* possui, assim, sentimentos e afeto, respeito pelo seu dono, diferentemente do que são representados os personagens humanos dentro do texto, tanto para com o animal, como nas relações entre os da mesma espécie.

O cãozinho sente a falta e a presença de seus donos, sentimento contrário ao que acontece, primeiramente, com Rubião que apenas o tem por interesses financeiros e não se lembra do animal. Isso é expressado nesse trecho da obra:

Este cavalo tem-me uma amizade - continuou o cocheiro - que se não acredita. Podia contar cousas extraordinárias. Há pessoas que até dizem que é mentira minha; mas, não, senhor, não é. Quem não sabe que cavalo e cachorro são os animais que mais gostam da gente? Cachorro parece que ainda gosta mais...

Cachorro trouxe à memória de Rubião o *Quincas Borba*, que lá devia estar em casa, à espera dele, ansioso. Rubião não esquecia a condição do testamento; jurava cumpri-lo à risca. Convém dizer que, de envolta com o receio de vê-lo fugir, entrava o de vir a perder os bens. (...) Que lhe importava a fuga, se era até melhor, um cuidado menos? (ASSIS, 2021, p. 113)

Rubião aqui se lembra do cão apenas porque o cocheiro o leva a refletir acerca da sua amizade com seu cavalo, mas, ao passo que o cão estava ansioso por ver seu dono, Rubião não se lembrava da existência dele. Os resquícios de recordação ao animal só vieram a ele, ao pensar na cláusula que o detinha de usufruir dos bens do filósofo que havia partido.

Se, por um lado, pode-se pensar na questão animalidade/humanidade posta por Machado na narrativa em questão, ainda é interessante examinar que esta é feita para além de personificar o cãozinho, mas é também feita à medida de problematizar as relações entre humanos e animais, que podem muitas vezes parecer limitada a primeira e evoluída a segunda, mas o que constata-se na obra é que a sanidade e observância do animal vão além do exposto aos personagens humanos.

À medida que se desenrola a história, Rubião ao partir para o Rio de Janeiro conhece os personagens Palha e sua esposa Sofia que, ao verem todo o entusiasmo e a riqueza de Rubião passam a “jogar” e se aproveitar da sua inocência.

Rubião se apaixona por Sofia, porém por ela ser casada com o homem que ele tem por amigo causa-lhe muitos pensamentos contraditórios que o atormentam continuamente. Com isso, se sente aprisionado em seus próprios pensamentos, fazendo com que reflita diante da situação de seu cãozinho.

Parava, e as tentações paravam também. Ele, um Santo Antão leigo, diferenciava-se do anacoreta em amar as sugestões do diabo, uma vez que teimasse muito. Daí a alternância dos monólogos: É tão bonita! e parece querer-me tanto! Se aquilo não é gostar, não sei o que seja gostar. Aperta-me a mão com tanto agrado, com tanto calor... Não posso afastar-me; ainda que eles me deixem, eu é que não resisto. Quincas Borba sentiu-lhe os passos, e começou a latir. Rubião deu-se pressa em soltá-lo; era soltar-se a si mesmo por alguns instantes daquela perseguição. \_ Quincas Borba! - exclamou, abrindo-lhe a porta. O cão atirou-se fora. Que alegria! que entusiasmo! que saltos em volta do amo! chega a lambê-lhe a mão de contente, mas Rubião dá-lhe um tabefe, que lhe dói; ele recua um pouco, triste, com a cauda entre as pernas; depois o senhor dá um estalinho com os dedos, e ei-lo que volta novamente com a mesma alegria.” (ASSIS, 2021, p. 69)

O cão se transforma, assim, numa consciência fora do corpo de Rubião, sendo visto como um personagem possuidor de uma subjetividade. Rubião é visto batendo em Quincas Borba em vários momentos da obra, que neste ponto é comparado com o cão por sua prisão, um no campo propriamente dito e o outro nos devaneios do pensamento.

Antes mostrado no campo da constituição com atribuições do próprio mundo animal, ao final é feita uma reflexão, em que o narrador atribui ao cão uma racionalidade humana.

Machucado, separado do amigo, Quincas Borba vai então deitar-se a um canto, e fica ali muito tempo, calado; agita-se um pouco, até que acha posição definitiva, e cerra os olhos. Não dorme, recolhe as ideias, combina, relembra; a figura vaga do finado amigo passa-lhe acaso ao longe, muito ao longe, aos pedaços, depois se mistura-se à do amigo atual, e parecem ambas uma só pessoa; depois outras ideias... (ASSIS, 2021, p. 70)

Pode-se, então, observar dentro do campo da animalidade que o narrador em Quincas Borba tenta colocar no cão personificações humanas, fazer dele um meio de formulação de raciocínios e ideias. Concernente a isso, Maciel (2011, p. 41) afirma que “o animal não é um brinquedo nem um objeto, é antes de tudo uma presença e nisso se encontra sua especificidade. Ele encarna para o homem uma alteridade particular,

portadora de sentido”. Logo, na obra, percebe-se esses traços quando Rubião passa a guiar suas próprias ideias e pensamentos para o cachorro, colocando-o como crítico das ações que o professor deseja realizar.

À medida que se desenvolve a narrativa, Rubião passa a desenvolver sua crença na transmigração de almas e, assim, ter um olhar carinhoso e afetivo pelo cachorro que acredita ser a extensão da consciência de seu amigo filósofo.

Rubião não cedeu logo, pediu prazo, cinco dias. Consigo era mais livre; mas desta vez a liberdade só servia para atordoá-lo. Computou os dinheiros despendidos, avaliou os rombos feitos no cabedal, que lhe deixara o filósofo. Quincas Borba, que estava com ele no gabinete, deitado, levantou casualmente a cabeça e fitou-o. Rubião estremeceu; a suposição de que naquele Quincas Borba podia estar a alma do outro nunca se lhe varreu inteiramente do cérebro. Desta vez chegou a ver-lhe um tom de censura nos olhos; riu-se, era tolice; cachorro não podia ser homem. Insensivelmente, porém, abaixou a mão e coçou as orelhas ao animal, para captá-lo. (ASSIS, 2021, p. 165)

Essa dúvida que ronda a mente de Rubião faz com que ele atribua ao cão uma consciência diferente da dele.

Ao final da obra, Quincas Borba e Rubião tornam-se grandes amigos, pois o segundo acredita de fato na imortalidade do filósofo habitar o corpo do animal, fazendo com que passe a carregar o cachorro para todos os lugares que vai. Além disso, essa interação é marcada pelo fato de o cãozinho aparecer mais na narrativa que o seu dono que possui o mesmo nome.

Depois de toda sua trajetória filosófica, humana, política e romântica, Rubião, com todo seu ouro herdado, passa apenas a sustentar a ambição daqueles que os exploram, o que diante das circunstâncias fazem com que ele passe momentos de loucura e, de certa forma, insanidade, terminando sua trajetória na pobreza, louco e morrendo, sem auxílio de nenhuma amizade verdadeira.

Poucos dias depois morreu... Não morreu súbito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, \_ uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa. \_ Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor... A cara ficou séria, porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação (ASSIS, 2021, p.429)

Tendo um triste fim, Rubião, assim prova da teoria do “*humanitismo*”, pois com toda sua ingenuidade perde tudo para aqueles que possuem uma maior habilidade para com as relações humanas. Segundo Candido (1977, p. 29):

os fracos e os puros foram sutilmente manipulados como coisas e em seguida são postos de lado pelo próprio mecanismo da narrativa, que os cospe de certo modo e se concentra nos triunfadores, acabando por deixar no leitor uma dúvida sarcástica e cheia de subentendidos: o nome do livro designa o filósofo ou o cachorro, o homem ou o animal, que condicionaram ambos o destino de Rubião? Este começa como simples homem, chega na sua loucura a julgar-se imperador e acaba como um pobre bicho, fustigado pela fome e a chuva, no mesmo nível que o seu cachorro.

Contanto, com a morte de seu segundo dono, Rubião, diante dos fatos que ocorreram, é apresentado em seguida a morte também do cãozinho, demonstrando, assim, uma extensão entre animal e humano, ao passo que o cachorro, Quincas Borba, por ser tão fiel ao ser amigo, seu tutor.

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, \_ questão prene de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso ri-te! É a mesma coisa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens. (ASSIS, 2021, p. 431)

A morte do cão relatada no último capítulo, demonstra, mais sobre a humanidade presente no animal e a animalidade no humano, pois o cão, ao longo de toda história, é colocado de forma particular, sendo a morte do cãozinho elaborada com todo cuidado, a fim de mostrar seu teor filosófico e reflexivo, trazendo à tona o sentimento animal. Machado utiliza-se do cão para demonstrar os requisitos críticos à sociedade e à sua humanidade perante os animais, trazendo assim esses feitos com a utilização de palavras e expressões próprias, quando ao narrar à morte do cão ele o dá uma caracterização de “desvairado” algo não esperado a imagem de um animal, Machado nos faz pensar sobre a subjetividade e toda construção animal na narrativa.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todas as considerações realizadas sobre o papel da animalidade/humanidade existentes na obra de Machado de Assis demonstram como a literatura consegue atingir seu papel de refletir e causar uma problematização acerca de conceitos e pré-entendimentos presentes na sociedade.

Foi possível debruçar-se em observar a relação entre os personagens humanos e animal na obra *Quincas Borba*, vendo assim que mais do que mera colocação decorativa, o animal posto na narrativa tem uma função exemplar e única, demonstrando conjecturas que possibilitam uma reflexão acerca de atribuições dadas aos humanos e não humanos que podem constituir um entrelaço de posturas e ações.

Essa posição pode exercer essa função por representar mais que uma simples analogia, mas sim uma formação completa sobre a filosofia machadiana que traz para sua escrita uma simbologia na imagem do animal, sendo assim, percebeu-se que o cãozinho estava ligado ao que sua figura simbolizava, além também de cumprir uma posição de referência na obra.

Em *Quincas Borba*, o animal foi posto para cumprir além de seu papel animal, um elemento essencial da narrativa, compondo, dessa forma, mais lugar que os personagens humanos, sendo fundamental para toda expressão do enredo.

Na obra, o retrato animal revela mais sobre o ser humano e sua subjetividade, mostrando essa falta de superioridade que tanto se acredita, pois o personagem *Quincas Borba*, o cão, demonstra mais humanidade que os seres humanos existentes na narrativa.

Nesta pesquisa, adequou-se a explicação e a averiguação pertinentes aos estudos dos animais e suas aplicações, seguindo uma perspectiva literária/filosófica em Machado de Assis, mostrando a imagem animal do cão *Quincas Borba* e sua relação com os personagens humanos *Rubião* e o filósofo, evidenciando os papéis de animalidade e humanidade que giram em torno dos dois e de suas construções dentro do contexto da zooliteratura.

Dessa forma, a finalidade deste trabalho foi assim olhar para a questão animal dentro da literatura de Machado de Assis e dar enfoque ao pensamento e mundo da ficção animal, mostrando até que ponto os espaços divididos entre humanos e não humanos se tornam congruentes, além de permitir uma reflexão em volta da resignificação do papel humano e animal, tornando pertinente a discussão para o tema no campo da literatura.

Assim, permitindo a reflexão, também, acerca do espaço real e imaginário de forma a estabelecer relações entre os dois mundos. Além disso, encontrou-se nesta

pesquisa a percepção do quão extenso é a observação da zooliteratura na obra *Quincas Borba*, sendo a animalidade tão atrelada à figura humana e vice-versa, em que o tema do cão na obra revela um pensamento aguçado do ser humano e seus entendimentos.

## REFERÊNCIAS

- Assis, Machado de. **Quincas Borba**. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021. p. 456.
- CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.
- CÂNDIDO, Antônio. **A Personagem de Ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- COUTINHO, Alfrânio. **Machado de Assis na Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 120.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco Narrativo**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- MACIEL, Maria Ester. **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: UFSC, 2011a. p. 423.
- \_\_\_\_\_. **Exercícios de zooliteratura em Machado de Assis e Guimarães Rosa**. Colóqui/Letras, n. 177. 2011b. p. 126-135.
- \_\_\_\_\_. **Ficções Caninas em Clarice Lispector e Machado de Assis**. Journal of Lusophone Studies. Minas Gerais, Dezembro. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e subjetividade animal**. Revista Dobra. n. 7. 2021. p. 11
- \_\_\_\_\_. **Exercícios de zooliteratura**. ComCiência. Campinas, 2011.
- MAZUCATO, Tiago (org). **Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico**. 1. ed. Penápolis: FUNEPE, 2018. p. 96.
- SILVA, E. V. da. **Um Zoológico de Significados: a função dos animais em alguns textos de Machado de Assis**. Machado De Assis: Rio de Janeiro. v. 5, n. 9, p. 138- 154, junho 2012.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( ) Monografia  
(X) Artigo

Eu, Julia de Jesus Lima,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
O Universo Zoológico em Quincas Barba, de  
Machado de Assis  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 19 de Setembro de 2023.

Julia de Jesus Lima  
Assinatura